

RESENHA DO LIVRO: VARIAÇÕES SOBRE O *ETHOS*

Shara Lylian de Castro Lopes¹
Mestra em Linguística
Instituto de Estudos de Linguagem - IEL/UNICAMP
(sharalylian@hotmail.com)

O livro de Dominique Maingueneau, “Variações sobre o *ethos*”, publicado pela Parábola Editorial e traduzido por Marcos Marcionilo, teve seu lançamento mundial no Brasil em 2020. A obra é uma proposta de revisitação ao conceito de *ethos* num conjunto de textos do autor que versam sobre o tema (uma grande parte já traduzida para o português), ao tempo em que desenvolve algumas propostas que já haviam sido apresentadas de forma breve, como destacabilidade e sobreasseveração, em Maingueneau (2014a), ou as “Três dimensões do *ethos*”, em Maingueneau (2014b).

Maingueneau é professor de Ciências da Linguagem na Universidade de Paris IV - Sorbonne e suas pesquisas se concentram principalmente nas áreas de Análise do Discurso e Enunciação. Desde 1984, em sua tese que trata da polêmica no discurso religioso, Maingueneau vem se dedicando a discutir a noção de *ethos*, extraída dos estudos de oratória e retórica clássicos.

O livro “Variações sobre o *ethos*” é apresentado ao público em duas partes: a primeira, introdutória, se preocupa sobretudo em contextualizar a problemática que envolve o *ethos* e conceitos relacionados a ele. A segunda, composta por nove capítulos, distribuídos em três partes relativamente proporcionais, prioriza análises de *corpora* diversos, mas que, segundo o próprio autor no prefácio, estão longe de esgotar as manifestações infinitas do discurso. A obra é repleta de análises em toda a sua extensão, marca, aliás, já consolidada nos textos do autor e que facilitam enormemente o trabalho do leitor de compreender os conceitos mobilizados.

Na Introdução, Maingueneau recorre de forma didática a definições etimológicas do *ethos* para iniciar a seção. A seguir, retoma a diferenciação entre *ethos* mostrado, dito e pré-discursivo e lembra que sua perspectiva de estudo é encará-lo a partir da problemática da incorporação. O autor revisita noções já apresentadas em obras anteriores, como: enunciador fiador, mundo ético, estereótipo, níveis de *ethos*, cenas da enunciação, modos de genericidade, três dimensões do

¹ Doutoranda em Linguística (IEL/UNICAMP). Professora efetiva do IFPI (Instituto Federal do Piauí). Tem interesse especial em pesquisas em Análise do Discurso de linha francesa. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1683-6676>.

ethos (categorial, experiencial, ideológica)... pressupondo que seu leitor, provavelmente pesquisador ou simpatizante de Análise do Discurso, já tem algum conhecimento prévio acerca da problemática do *ethos*, que, nesse momento de sua produção, é somente revisada para, na parte seguinte, ser esmiuçada.

Ainda na Introdução, alguns outros desdobramentos do *ethos* são pincelados: a diferença entre *ethos* compactos e flutuantes (p. 28-9); as noções de *ethos* híbrido (p. 32), *ethos* encaixado, *ethos* enquadrante e enquadrado (p. 33), dentre outros. Todos esses conceitos são acompanhados de exemplos elucidativos, como a relação de Platão e Sócrates ou dos evangelistas e Jesus para ilustrar a dinâmica entre *ethos* representante e representado, respectivamente, ou ainda a relação entre editor e romancista para exemplificar o par de *ethos* encaixante-encaixado. Todas as noções que contextualizam a problemática ética figurantes na introdução estão de algum modo reativadas na parte seguinte, que se propõe mais claramente a um viés analítico.

O modo de construção da obra de Maingueneau é muito fecundo na medida em que os exemplos de análise são constituídos de *corpora* muito diversos: há enunciados do discurso religioso, político, científico, literário, além de uma especial atenção ao caráter difuso do discurso (em que parte verbal e não-verbal são igualmente importantes para o trabalho de observação do analista), como se vê explorado na Parte 3: “Para além do texto: a parte das coisas”.

Como já mencionado, a segunda parte do livro é composta de nove capítulos distribuídos em três partes. A primeira parte é dedicada à problemática do encaixamento do *ethos*. Nela, há um tratamento especial aos textos do teatro, aqueles naturalmente privilegiadores do *ethos* encaixado. No Capítulo 1, Maingueneau mobiliza conceitos com os quais o leitor supostamente já deveria estar familiarizado para acompanhar as análises, por exemplo, os de discursos constituintes (1984 [2005]; 1995), arqui-enunciador e fiador.

O Capítulo 2 é mais repleto de análises, em geral, inéditas, sobre *corpora* diversos. O autor analisa discursos teatrais e discursos narrativos, como trechos de textos dos escritores franceses Molière, Zola e Austen. A questão do anti-*ethos* surge no capítulo 3, tanto num retorno ao exemplo do contraponto entre os discursos jansenista, que apresenta anti-*ethos* dos jesuítas, e humanista devoto, que apresenta *ethos* amável, já trabalhados em Maingueneau (1984 [2005]), quanto pela análise das Provinciais, de Pascal (cf. Semântica da polêmica (1983)). Maingueneau apresenta

ainda outro exemplo de *antiethos*, dessa vez a partir da polêmica entre sociólogos e acadêmicos (principalmente professores de Literatura) através da análise de *Homo academicus* ou **As regras da arte**, de Pierre Bourdieu. O último exemplo desse capítulo é do discurso jornalístico, para qualificar o embate entre o discurso da elite (representado pelo jornal *Le monde*) e seus críticos.

Na segunda parte, a relação do *ethos* com o corpo é abordada. O Capítulo 4 é dedicado à análise do discurso político, objeto privilegiado, segundo ele, dos analistas sobretudo por causa do *ethos* do corpo falante. Nele, há uma retomada ao conceito de cena validada, através da análise do texto de Robespierre. A análise de pinturas e imagens facilita, sobremaneira, a compreensão por parte do leitor dos conceitos que lhe são apresentados. Nesse capítulo, o autor analisa a relação entre *ethos* e vestimentas ainda em propagandas de campanhas políticas atuais.

No Capítulo 5, recheado de refinadas análises linguísticas e discursivas, Maingueneau se dedica à análise de enunciados envolvidos em solucionar crises, os quais reivindicam o *ethos* do líder. Mobiliza, para tanto, o conceito de sobreasseveração (cf. Frases sem texto (2012 [2014a]), obra dedicada a trabalhar os fenômenos que envolvem a destacabilidade) e retoma a noção clássica de paráfrase para análises do texto do ex-presidente da França François Hollande (p.104). O autor apresenta, ainda no âmbito dos discursos políticos, a análise de um discurso de Obama, numa convenção partidária em 2007, em que se vale das noções linguísticas de metonímia, dêiticos, etc. para ilustrar o *ethos* de político inspirador que convence o auditório. Outro conceito discursivo a que o autor recorre nesse capítulo é o de Cena retórica, isto é, o dispositivo de enunciação oral que pode intervir em vários gêneros. Maingueneau propõe, como recurso de construção desse *ethos*, o que chama de espetacularização da fala (p. 110-111).

‘Enunciados aderentes’ é o tema principal do Capítulo 6, uma proposta recente, conforme o autor esclarece em nota de rodapé (p. 115). Eles dizem respeito aos enunciados escritos encontrados fisicamente em contato com um objeto que lhes sirva de suporte, com o qual formem um todo. Essa noção supõe interação e afetação mútua entre suporte e objeto, por exemplo: o epitáfio faz do pedaço de mármore uma tumba e é feito pelo mesmo pedaço de mármore uma inscrição fúnebre. A proposta de pesquisa em AD, mobilizando “enunciados aderentes”, vem seguida de crítica à preferência que o campo tem por análises logocentradas. Para analisar os tais

enunciados, o autor propõe um par de conceitos: sustentador e portador. O foco de sua análise são os enunciados em que manifestantes são os sustentadores e a manifestação é concebida por ele como pessoa coletiva. Para exemplificar as noções, Maingueneau utiliza textos da Associação Battling Bare (associação de esposas de militares americanos vítimas de estresse pós-trauma de guerras) e da Femen (movimento de feministas, que, segundo o analista, espetacularizam o corpo e fundem estética e ética nas suas apresentações).

Um último problema que o autor evoca nesse capítulo é de como as análises de Eu sou X (ex.: *Je suis Paris / Je suis Charlie*) indicam um distanciamento das manifestações clássicas por serem lincadas às novas tecnologias. Parecem apontar para um deslocamento de um *ethos* coletivo para individual nas manifestações atuais. Esse tema das novas tecnologias é retomado com mais força no último capítulo da obra.

A terceira e última parte apresenta uma discussão instigante sobre a relação entre o “ambiente”, termo segundo ele mesmo destaca tão enganador quanto “contexto”, e os enunciados. Maingueneau se propõe a analisar enunciados inscritos em rituais – pela associação de elementos verbais e não-verbais. A primeira análise é da oração de confissão dos pecados e a mudança que ela sofre ao longo dos anos. Aqui a noção de hiperenunciador (MAINGUENEAU, 2004) é retomada. Há uma rica análise linguístico-discursiva do “eu” participativo na tradução da oração para os vernáculos, bem como uma análise discursiva da reorganização do espaço litúrgico, em que a análise do não-verbal é priorizada, já que essa é a proposta de tema da Parte 3. O autor, no entanto, relembra a ligação dessas análises para a compreensão do *ethos*, uma vez que elas indicam a mudança de *ethos* tanto do oficiante do rito quanto do fiel participante.

O Capítulo 8 tematiza a discussão em torno do agenciamento da cena e da sua relação com o *ethos*. Num primeiro momento, discute-se proveitosamente a relação com a cena genérica e com a cenografia, a qual depende do gênero discursivo. Maingueneau destaca que *ethos* implica agenciadores, isto é, mediadores menos visíveis que um locutor (cenografia) e uma instituição e/ou tradição (cena genérica). Os exemplos utilizados são de agenciamento do *ethos* professoral nas salas de aula do século passado e nas atuais e o dos debates televisionados. O microfone é outro elemento analisado, visto que ilustra a mudança nas igrejas católicas do *ethos*

sobrelocutor do ministrante para um *ethos* mais íntimo. O editor é também classificado como um mediador à sombra, assim como o agenciador. Esse é o segundo tópico do capítulo, o qual procura analisar o *ethos* editorial e sua relação com o *ethos* autoral e o das coleções em que os textos são publicados.

O último capítulo do livro se debruça sobre o problema que a *internet* apresenta à AD, especialmente em relação às categorias de cenas enunciativas e *ethos*. Ele retoma a noção de hipergênero e seu deslocamento do sentido inicial na genericidade clássica (MAINGUENEAU (2000[2013])) e destaca o processo de marginalização da cena genérica em detrimento de uma consagração da cenografia virtual. Sustenta, ainda, que há um deslizamento do *ethos* propriamente verbal para um *ethos* global nesse ambiente. Afirma, ainda, que os agentes envolvidos na construção de um *site* dificultam a identificação de um *ethos* e que opera um *continuum* de saliência a apagamento do *ethos*. O autor defende a existência de *ethos* fraco e *ethos* forte (que não se estabiliza), mobilizando para isso a análise de textos jornalísticos virtuais e seus comentários, sendo que esses últimos ilustram o chamado *ethos* fraco, ao que se soma a problemática da pseudonímia.

Finaliza seu texto destacando a dupla faceta do *ethos* para os analistas do discurso: ele pode se constituir, ao mesmo tempo, uma ferramenta extremamente útil e proveitosa para alguns *corpora*, como os primeiros exemplos que dá, mas também problemática para outros, como os enunciados virtuais, últimos exemplos analisados por ele. A obra se mostra uma leitura, ao mesmo tempo que numa apresentação leve e didática, com uma quantidade relevante de noções que perpassam a de *ethos* e, nesse sentido, é, do ponto de vista de conteúdo discursivo, bastante densa e fértil.

Dados da obra resenhada: MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o *ethos***. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

Referências

MAINGUENEAU, D. (2000 [2013]) **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6 ed. São Paulo: Cortez.

_____. (2012 [2014a]) **Frases sem texto**. Trad. Sirio Possenti *et al.* São Paulo: Parábola Editorial.

_____. (1984 [2005]) **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar edições.

_____. (2004) Hyperénonciateur et 'participation'. *In: Languages*, 156, p. 111-127.

_____. (2014b) Retour critique sur l'éthos. *In: Language et Société*. 149. p. 31-48.

_____. (1983) **Sémantique de la polémique**. Lausanne. L'Age d'homme.



Recebido em 03 de abril de 2020
Aprovado em 15 de abril de 2020